

sãos, os camponeses livres, os comerciantes.<sup>22</sup> A sociedade colonial, por isso mesmo, quando existe a perfeita consonância entre sua classe dominante e a classe dominante metropolitana, reparte-se em duas classes: a dos senhores, muito poucos, e a dos escravos, muito numerosos. Sem escravaria numerosa, a empresa produtora colonial teria sido impossível, nos moldes em que foi montada no Brasil.<sup>23</sup> Mas, assim montada, denunciava a fragilidade de seus alicerces. Entre os traços dessa fragilidade, inerente ao processo, colocava-se a baixa produtividade do escravismo moderno. Ele só foi possível em função da *colonização*, com o conteúdo que esta assumiu e que a definiu, historicamente.<sup>24</sup>

A *colonização* tem a sua estrutura profundamente abalada não apenas com o declínio da empresa produtora de açúcar em consequência de problemas externos, declínio que afeta as relações entre a classe dominante colonial e a classe dominante metropolitana, debilitando a função daquela como mandatária desta, como com o aparecimento da segunda empresa colonial de vulto, no Brasil, a empresa mineradora. Pela sua natureza e, particularmente, pela fase histórica em que apareceu, a empresa mineradora brasileira foi muito diferente da empresa mineradora das áreas de *colonização* espanhola na América. No Brasil, realmente, não existiu mineração, a rigor: tratava-se de simples e fácil garimpagem, peculiar aos veios superficiais, ao ouro de aluvião. Esse caráter condicionou a montagem e o funcionamento da empresa mineradora: ela dispensava grandes cabedais iniciais, dispensava aparelhagem de vulto, estava ao alcance do indivíduo isolado, ou do investidor de poucos recursos. Contrastava, assim, fundamentalmente, com a empresa açucareira: esta fora selecionadora, impedindo a participação dos melhores elementos da sociedade metropolitana, discriminando-os; a empresa mineradora, ao contrário, aceita-os, está ao alcance deles, permite a cada um realizar-se economicamente. A consequência é o afluxo demográfico: a

<sup>22</sup> "Tratava-se, para o donatário, de um investimento inicialmente oneroso, o que obrigou a alguns a admitir sócios; de fretar navios, de recrutar elementos os mais diversos; de deslocar materiais; de enfrentar um período de carência, enquanto não houvesse produção; de satisfazer, além de tudo, as exigências da Coroa, embora reduzidas" (Nelson Werneck Sodré: *op. cit.*, p. 67/68).

<sup>23</sup> "Verifica-se, claramente, que a exploração colonial e o trabalho escravo são sinônimos, são peças inseparáveis do mesmo processo". (Nelson Werneck Sodré: *op. cit.*, p. 70).

<sup>24</sup> "A produtividade inequivocamente baixa do modo escravista aqui estabelecido consegue alinhar-se com a de outros modos de competir ou figurar no mercado com o que produz, na realidade, *porque é colonial*, isto é, porque se exerce: numa área complementar, subsidiária, fornecedora daquilo que as áreas adiantadas consumidoras não podiam produzir ou não se interessavam em produzir; numa área em que o valor da terra, numa atividade agrícola, era inicialmente nulo, não entrava em linha de conta; num gênero monopolizado". (Nelson Werneck Sodré: *op. cit.*, p. 77).

